

internacional

internacional@jornaldocomercio.com.br

Daniel Noboa é reeleito presidente no Equador

Crime organizado e tráfico de drogas estão na mira da nova gestão

/ AMÉRICA LATINA

Daniel Noboa foi reeleito presidente do Equador no domingo, em segundo turno. Ele foi declarado vencedor pelo órgão eleitoral quando alcançou 55,88% dos votos válidos, enquanto havia mais de 90% da votação contabilizada. “O Equador está mudando. O Equador escolheu um caminho diferente”, afirmou o presidente após a vitória.

A candidata da oposição, Luisa González, não aceitou a derrota e falou em fraude eleitoral. González era a aposta da esquerda contra o governo de Noboa, cujo mandato tem sido marcado pela política de combate ao crime organizado.

Nesta segunda-feira, líderes mundiais parabenizaram Noboa pela reeleição, entre eles o presidente dos EUA, Donald Trump. O republicano disse que ele será um “líder incrível”. “Parabéns para Daniel Noboa, que será um líder incrível para o povo maravilhoso do Equador. Ele (Deus) não te desampará”, escreveu em sua rede social, a TruthSocial.

Gabriel Boric, do Chile, felicitou o presidente pelo novo mandato. O chileno disse ainda reconhecer o trabalho daqueles, como Luisa González, que “contribuem para fortalecer o debate democrático com visão e coragem”.



‘O Equador escolheu um caminho diferente’, afirmou o político

O governo do Paraguai reafirmou a “vontade de continuar os laços de amizade e cooperação”. O Peru, por sua vez, também falou no fortalecimento da “fraternidade e cooperação”, para consolidar a democracia como “único caminho para o desenvolvimento integral de nossos povos e da região”.

María Corina Machado, líder da oposição venezuelana, disse que o Equador “venceu”. “O Equador venceu, as Américas venceram, a liberdade e a democracia venceram! Da Venezuela, enviamos nosso amor e respeito ao querido povo equatoriano e ao meu amigo, Daniel Noboa. Juntos, alcançaremos um hemisfério livre, próspero e seguro”, declarou.

O ex-presidente equatoriano

Guillermo Lasso (2021-2023) enalteceu o papel democrático exercido pelo povo nas eleições. “Eu o parabeno por esta vitória. Pela segunda vez, o povo equatoriano depositou em você sua confiança, que deve se traduzir em um governo fiel à lei e comprometido com os interesses da maioria.”

Na mesma linha, Bernardo Arévalo, presidente da Guatemala, celebrou a população por ter “escolhido livremente”. Já a Argentina afirmou que está à disposição para cooperar com os desafios comuns da região. Entre eles, a Chancelaria Argentina cita a luta contra o crime organizado, o tráfico de drogas e o terrorismo - que devem ser os principais temas da nova gestão de Noboa.

Parlamento aprova fixar gêneros na Constituição

/ HUNGRIA

O Parlamento da Hungria prosseguiu ontem com sua ofensiva contra pessoas LGBTQIA+, ao aprovar uma emenda para fixar na Constituição a existência de apenas dois gêneros, masculino e feminino.

O premiê nacionalista, Viktor Orbán, que anunciou em março uma “grande limpeza de Páscoa”, também conseguiu aprovar uma emenda contra cidadãos com dupla nacionalidade considerados “traidores da nação”. Ele tem reprimido o financiamento estrangeiro de mídias independentes e organizações não governamentais, ao mesmo tempo em que intensifica a campanha política contra a comunidade LGBTQIA+.

No poder desde 2010, Orbán disputará eleições em 2026, com a economia em dificuldades e um novo partido de oposição representando o maior desafio ao seu governo até o momento. As emendas constitucionais fazem parte de sua campanha para reforçar sua base eleitoral e também atrair votos da ultradireita, segundo analistas.

As medidas ecoam decreto assinado pelo presidente dos EUA, Donald Trump. A Constituição passará a especificar que uma pessoa é “ou um homem ou uma mulher”. Desde 2019, a Carta já determina que o casamento só é possível entre um homem e uma mulher.

As emendas constitucionais foram facilmente aprovadas gra-

ças à maioria de dois terços do partido governista Fidesz e ao apoio de parlamentares de ultradireita. Antes da votação, que terminou com 140 votos a favor do governo e 21 contra, centenas de manifestantes bloquearam a entrada do Parlamento, em Budapeste, e foram rapidamente dispersados. As alterações na Carta reforçam legislação aprovada em 18 de março que proíbe a realização da marcha anual do Orgulho LGBT, restringindo a liberdade de reunião.

Dentro do Parlamento, alguns deputados exibiram uma faixa de protesto, enquanto do lado de fora do edifício os manifestantes gritavam que não permitiriam a Hungria se tornar a “Rússia de Putin” - aliado de Budapeste.

Trump diz que se Irã insistir em arma nuclear, terá ‘resposta severa’

/ RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O presidente dos EUA, Donald Trump, afirmou ontem que o Irã deve “abandonar” qualquer tentativa de obter uma arma nuclear sob a ameaça de enfrentar “consequências severas”.

Segundo ele, caso o Irã persista no “sonho” de ter sua própria arma nuclear, os EUA poderão fazer um ataque militar às instalações nucleares de Teerã. “É claro que sim”, disse o republicano aos jornalistas quando perguntado se uma possível resposta poderia incluir ataques às instalações nucleares iranianas.

As declarações de Trump acontecem após o Irã alegar no sábado que teve uma conversa “produtiva” com os EUA para um possível acordo nuclear. Na ocasião, o ministro das Relações Exteriores iraniano, Abbas Araqchi, disse que os dois países teriam concordado em dar continuidade às negociações no dia 19 de abril. A Casa Branca considerou a reunião como um “passo à frente para se chegar a um resultado benéfico para ambos”, e que “esses temas são muito complicados”.

“Acredito que estamos muito próximos de uma base de negociação. Se conseguirmos concluir essa etapa durante a semana, teremos avançado significativamente e estaremos prontos para iniciar discussões reais”, disse Abbas Araqchi em entrevista à TV estatal iraniana. O chanceler afirmou que a primeira fase das negociações ocorreu em uma “atmosfera produtiva, calma e positiva”. Os EUA querem um acordo de curto prazo, mas o Irã diz não ter intenção de “discutir por discutir” e almeja o fim das sanções norte-americanas.

A reunião ocorreu de forma indireta e foi mediada por Omã, como propuseram os iranianos.

As delegações estavam em salas separadas e transmitiram suas mensagens através do chanceler de Omã, segundo o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Irã, Esmail Baghaei.

Araqchi informou que sua delegação conversou brevemente com Steve Witkoff, enviado de Trump para o Oriente Médio. “Após mais de duas horas e meia de discussões indiretas, os representantes do Irã e dos EUA falaram por alguns minutos na presença do Ministro das Relações Exteriores de Omã, antes de deixarem as discussões”, declarou.

Teerã aborda as negociações com cautela e há ceticismo sobre a possibilidade de se chegar a um acordo. Trump ameaçou várias vezes bombardear o Irã se o país não colocasse um fim em seu programa nuclear.

O progresso nas discussões pode reduzir a tensão na região. A área tem enfrentado conflitos nos últimos dois anos entre Israel e aliados regionais do Irã, como o Hamas palestino, o Hezbollah libanês e os Houthis no Iêmen. O fracasso, por outro lado, aumentaria os receios de um conflito maior.

O chefe de diplomacia tem “plenos poderes” para liderar as negociações. Essa foi a definição do líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, que tem a última palavra em relação à questão nuclear, segundo uma autoridade iraniana à Reuters. “A duração das discussões, que se concentrarão apenas no nuclear, dependerá da seriedade e da boa vontade do lado americano”, afirmou.

O Irã descartou colocar seu programa de defesa, em particular o programa de mísseis balísticos, na mesa. As últimas negociações diretas oficialmente conhecidas entre os dois países ocorreram quando Barack Obama era o presidente dos EUA, em 2015.



Aiatolá Ali Khamenei tem a última palavra em relação à questão nuclear